

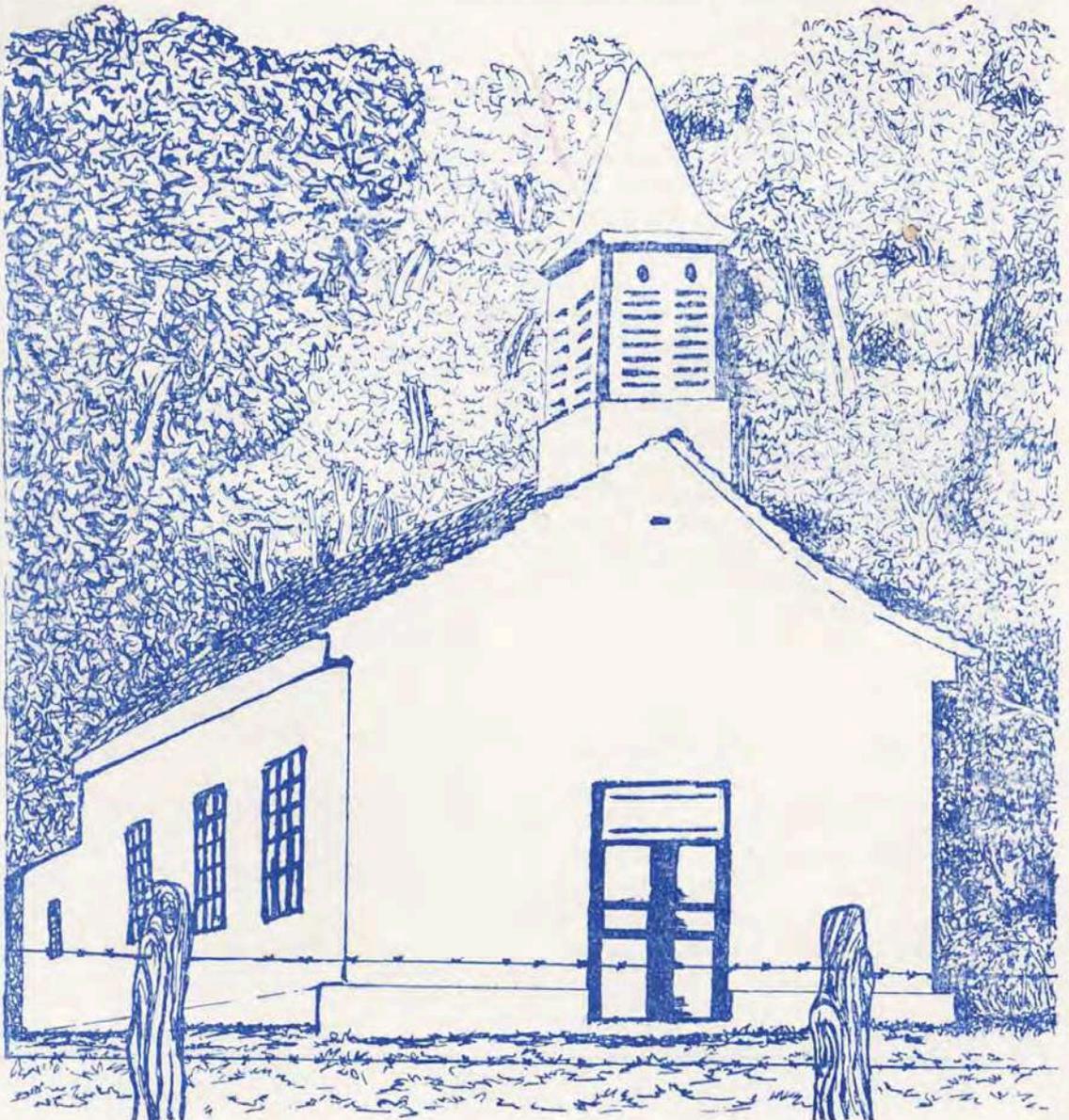
# Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

Julho de 1992

Nº. 7

PORTE PAGO  
DR/SC  
ISR-58 - 603/87



## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.  
Companhia Hering  
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Casa Willy Sievert S/A. Comercial  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.  
Livraria Blumenauense S/A.  
Schrader S/A. Comércio e Representações  
Companhia Comercial Schrader  
Buschle & Lepper S/A.  
João Felix Hauer (Curitiba)  
Madeira Odebrecht Ltda.  
Móveis Rossmark  
Arthur Fouquet  
Paul Fritz Kuehnrich  
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.  
Cristal Blumenau S/A.  
Moellmann Comercial S/A.  
Sul Fabril S/A.  
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados  
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.  
Maju Indústria Textil Ltda.  
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.  
Casa Meyer.  
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.  
Casa Buerger Ltda.  
UNIMED - Blumenau  
Casa Flamingo Ltda.  
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.  
Família Atilio Zonta

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Julho de 1992

Nº. 7

## SUMÁRIO

Página

Spitzkopf, o Mirante do Vale do Itajaí — W. J. Wandall .....	202
Subsídios Históricos — Coord. e Trad.: Rosa Herkenhoff .....	206
Ao Redor do Dr. Blumenau (III) — Theobaldo Costa Jamundá ....	207
Reminiscências Natalinas — José Gonçalves .....	209
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI) — Pe. A. Fco. Bohn	211
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	213
Um grito de alerta — Armando Luiz Medeiros .....	215
Reminiscências de Acurra — Atilio Zonta .....	217
Histórias, Fatos e Comentários — W. J. Wandall .....	220
Roland Blumenau contribui para auxiliar as vítimas das enchentes de maio passado .....	225
Registros e Conjeturas — Aíga Barreto Mueller Hering .....	226
Aconteceu — Junho de 1992 .....	229
Faleceu o historiador Prof. José E. Finardi .....	231

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 30.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 — Atrasado Cr\$ 3.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 50.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior \* Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

# SPITZKOPF, O MIRANTE DO VALE DO ITAJAÍ

W. J. Wandall

Hoje em dia pouca curiosidade é despertada em torno do Spitzkopf. Devido, quem sabe, à distância que o separa do centro da cidade, ou até mesmo, pela diminuta divulgação turística feita sobre a região onde se localiza ou, ainda, por outras razões que não nos cabe analisar aqui: o fato é que aquela montanha, a mais elevada de Blumenau, não mereceu — ou merece — o mesmo destaque dado a ela quando dos primórdios de nossa colonização. Por tal razão, os professores Rudolf Hollenweger e Max Humpl, além de jovens e/ou homens idosos do início dos anos 1900, empenharam-se dedicadamente em oferecer condições favoráveis a que o turismo chegasse aos 926 metros de altitude daquela elevação, donde espetacular vislumbre enche a vista com paisagens belíssimas das regiões do Vale do Itajaí e adjacências. Aquela visão encantou nossos colonizadores, o que não acontece nos dias atuais para a gente blumenauense e turistas, talvez por estes desconhecerem o fato.

Mas, quando começou a invasão do santuário ecológico do Spitzkopf pelo homem? É o professor Max Humpl quem nos informa: «por volta de 1900 ouvia-se falar ainda de índios nesta região e assim poucas pessoas tentaram uma colonização na localidade. A primeira escalada da montanha foi feita a 19 e 20 de julho de 1892, pelos senhores Otto Wehmuth, antigo fiscal da prefeitura; Christian

Imroth, ex-caçador de bugres; Fritz Alfarth, professor e Hermann Gauche Sênior».

Uma década depois, chegava à região do Garcia o professor Rudolf Hollenweger, «suiço de nascimento; veio para o Brasil em 1908 e se estabeleceu no Garcia Alto, onde passou a exercer as funções de magistério. Homem culto, tinha grandes projetos para incentivar a prática da agricultura entre os seus alunos. Em sua escola fundou o primeiro Clube Agrícola do Município. Sua escola foi tida como modelo».

Dentre as muitas realizações do professor Rudolf Hollenweger consta ter sido um dos fundadores do «Spitzkopfclub», cujos iniciadores da agremiação foram: Otto Hüber, Presidente; Rudolf Hollenweger, Secretário; Alfred Gossweiler, Contador; Fritz Hasen, Administrador (rancheiro); Johann Iten, Paul Scheidemantel, Rudolf Wündsche e Hermann Gauche Sênior, proprietários. A fundação do «Clube do Spitzkopf Garcia» deu-se no dia 17 de julho de 1927, tendo seus estatutos sido registrados e publicados no jornal blumenauense «Der Urwaldsbote», em 30 de abril de 1930.

Antecedendo à fundação do Clube do Spitzkopf Garcia, ou seja, em 1907, Ferdinand Schadrack adquiriu uma vasta área de terras, cerca de 4.000.000 de metros quadrados (400 hectares), desde o sopé do morro até, aproximadamente, a metade do Spitzkopf, ten-

do construído uma pequena represa na parte mais elevada, a fim de aproveitar as águas do Ribeirão Caeté para movimentar uma serraria, ali construída com a finalidade de explorar a extração de madeiras, abundante na região. Tal atividade possibilitou a Ferdinand Schadrack tornar-se, além de grande produtor de madeiras para o consumo nacional, também, exportador, fornecendo madeira de lei para a Alemanha.

«Muito mais tarde, por volta de 1920, foi feita uma picada para caçadores e para lenhadores. Esta situava-se na margem esquerda, partindo da Empresa Industrial Garcia», atualmente Artex S. A., «constituindo-se num estreito caminho indo até a chamada Roça dos Labes, no Sirau-Sachtieben. Daí em diante começava uma subida péssima de um caminho que ia até Brusque. Então, penetrando pelo caminho recém-aberto Paul Scheidemantel e Otto Hüber, jovens empregados da Empresa Industrial Garcia, ficaram entusiasmados com a escalada do Spitzkopf. Pernoitaram várias vezes lá com frio e alguns animais selvagens». Surgiu daí a idéia de se fundar o Clube do Spitzkopf Garcia, alguns anos depois.

Em 1932, com o falecimento de Ferdinand Schadrack, toda a propriedade passou, por herança, a seu filho Udo. Dotado o novo proprietário de espírito conservacionista, paralisou as atividades da serraria das margens do Ribeirão Caeté e procurou preservar o existente, quer da flora quanto da fauna. Concomitantemente «iniciou a criação de aves e animais nativos, como jacus, tucanos, inhambus, urus, pacas, capivaras, cutias, veados mateiro, entre ou-

tros, havendo a posterior devolução destes à área do parque».

O professor Max Humpl, chegado ao Brasil em 1913, lecionou em várias escolas da cidade, fixando-se em meados de 1935 no Spitzkopf, onde havia comprado uma propriedade e construído uma casa. É Humpl quem informa: «a partir do final de minha propriedade, foi construído um caminho mais largo, seguindo o lado esquerdo não tão íngreme como o do lado direito. Foi um trabalho árduo a construção do novo acesso». Mas, na segunda metade do ano de 1938, o professor Max Humpl se propõe a construir uma estrada nova para subir o Spitzkopf. É ele próprio quem narra.

«Comecei, então, a fazer um mapa bem esclarecido com algumas aquarelas sobre como se apresentaria a futura estrada e fui sempre a campo. Procurei todas as grandes firmas, como Hering, Hoepcke, Gestwiki, Zadrozny, Rischbieter, Schmalz e outras. Muitos contribuíram. Depois de 14 dias em Blumenau e Garcia (não esquecer a Empresa Garcia), conseguí a bonita soma de 3 contos. Assim pude contratar 8 homens que de 2 até 20 de janeiro trabalharam incansavelmente. Eu também trabalhei diariamente na estrada, cortando curvas, endireitando os barrancos, dando-lhes inclinação certa, fortificando aqui e ali, canalizando e outros serviços. O trecho mais difícil foi aquele até a roça da família Labes, onde precisamos escavar uma parede rochosa de cerca de 3 metros de altura, para alargar a estrada, pois à esquerda tinha um precipício».

E o professor Max Humpl, mais adiante diz: «eu sentí-me realmente feliz quando terminamos este trabalho, sem que alguém se aci-

dentasse. Então, também os operários cansaram-se. Outro trabalho os esperava em casa. Com alguns colonos continuei a trabalhar no trecho mais fácil, até a minha propriedade e um pouco mais além. Também devo registrar agradecimentos a 12 ex-alunos de minha escola, que vieram para trabalhar espontaneamente comigo. Também a Câmara Municipal, sob o comando do senhor Dierschnabel, forneceu operários que com dinamite removeram uma enorme rocha. Assim, em meados de 1939 uma grande obra foi terminada e felizmente sem um acidente».

Enquanto Udo Schadrack mantinha sua ação de formar no Spitzkopf uma reserva ecológica, embora naqueles tempos este assunto era apenas apreciado por um pequeno número de amantes da Natureza, outros sentiam prazer em devastar a flora e acabar com a fauna, obrigando ao proprietário de parte do Spitzkopf a cercá-la para evitar as invasões indiscriminadas, bem como, colocar pessoas cuidando da gleba para conter a onda depredatória. Tal medida reduziu a frequência às instalações do Clube do Spitzkopf Garcia, até o mesmo dissolver-se, depois de muitas centenas de pessoas terem passado momentos agradáveis lá no alto do Morro Spitzkopf.

Vale ressaltar, também, ter o atual parque florestal do Morro Spitzkopf servido de campo de pesquisas para dois famosos cientistas blumenauenses: Dr. Fritz Müller, o estudioso das «Bromélias» e João Geraldo Kuhlmann, o pesquisador das plantas nativas da «Mata Atlântica», tendo sido este, mais tarde, diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. «Poste-

riormente, Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein, ambos do Herbário Barbosa Rodrigues, de Itajaí, determinaram a área do parque como estação de coleta de material botânico para um trabalho gigantesco: a «Flora Ilustrada Catarinense», trabalho este destinado a conhecer as espécies vegetais do Estado».

É preciso mencionar-se um detalhe bastante significativo. Na década de 1950, quando se construía a atual Igreja Matriz São Paulo Apóstolo de Blumenau, pensou-se em produzir bancos de madeira para aquele templo, mas, que acompanhassem a arrojada arquitetura moderna, para a época, do projeto daquela igreja. Udo Schadrack foi ao Spitzkopf fez uma avaliação de suas árvores e mandou que fossem derrubados «8 carvalhos vermelhos (*Euplasa Cantareirae*), alguns com mais de 4 metros de diâmetro, que foram doados à Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, para construção dos bancos do novo templo, que é hoje uma atração turística de Blumenau».

De acordo com sua vocação ecologista, Udo Schadrack não mediu esforços no sentido de preservar aquele santuário da Natureza. Uma de suas vitórias foi conseguir, em 1956, «com a permissão do Ministério da Agricultura, transformar a área verde em parque ecológico». Mais uma área de 100 hectares (1.000.000 de metros quadrados) foram adquiridos e incorporados ao parque ecológico, extendendo-se este até o topo do morro, em cujo local estivemos e denominamos de «o mirante do Vale do Itajaí», tal a possibilidade de se vislumbrar a nossa região.

Porém, em 1977, o Spitzkopf recebe a visita de «pesquisadores do Natural History Museum Los An-

geles Country, os quais, descobriram na área do Parque uma espécie de mosca da família BLEPHARICERIDAE, que, pelos estudos realizados, dataram sua origem em 500 milhões de anos atrás».

Entretanto, no dia 16 de dezembro de 1983, vítima de mal súbito, falece Udo Schadrack, o incansável batalhador pela preservação do meio-ambiente. Os seus familiares, herdando de Udo os pendores ecológicos, declararam continuar a obra iniciada pelo importante preservacionista, músico e empresário blumenauense. Todavia, a tarefa não é fácil e muito menos simples. As constantes agressões do ambiente, ora por fenômenos climáticos, ora por invasores exigiram muito da família Schadrack, no sentido de manter o Parque Ecológico Spitzkopf em sua forma original.

Dado o custo de manutenção daquela reserva, foi tomada a iniciativa de criar uma infra-estrutura turística no local, construindo-se no sopé do Morro Spitzkopf, procurando agredir o mínimo possível o meio-ambiente, chalés ao estilo de hotel, com televisão em cores, cozinhas mobiliadas; piscinas rústicas, aproveitando-se cascatas e cachoeiras; formação de mini-zoológico com aves e mais toda a exuberante vegetação do Morro Spitzkopf, que o turista ou o visitante poderá apreciar, bastando ser hóspede ou não do Spitzkopf Parque Hotel, dotado de garagem, Trilhas e guias estarão ao dispôr daqueles interessados em subir os 936 metros do Spitzkopf e deslumbrarem-se com a paisagem.

Em 1988 a propriedade do Par-

que Ecológico Spitzkopf passou às mãos de Hans Schadrack, filho de Udo, tendo aquele designado sua filha Juliana para gerenciar a atividade. Assim, desde meados de 1989 foi aberto o Parque para atividade turística. É pensamento do Sr. Hans Schadrack, aproveitar a parte que margeia a Floresta Negra, para edificar, no estilo dos demais chalés existentes, outros prédios a fim de facultar uma possibilidade maior de vagas para turistas.

Uma significativa homenagem à família Schadrack foi aquela prestada pelo Rotary Club de Blumenau em comemoração à Semana do Meio-Ambiente (3 a 9 de junho), cuja data foi transferida para o dia 25 de junho de 1991, devido o mau tempo, quando o Vice Governador do Rotary, Ruy Eduardo Willecke e o Presidente do Rotary blumenauense, Tito Rafael Viek, além de plantarem mudas de «Cunninghamia Lanceolata», no alto dos 936 metros do Spitzkopf, ainda fincaram no local um mármore com inscrição, em homenagem aos cuidados da família Schadrack em preservar aquele ambiente há quase um século.

E neste mês, quando estamos a relembrar o centésimo ano desde que um civilizado esteve no topo do Spitzkopf (19 e 20 de julho), tendo escalado dito morro em novembro de 1991, afirmamos: vale a pena subir os 6 quilômetros que levam ao topo do ponto culminante de Blumenau, pois nossa vista passeia por quase todo o Vale do Itajaí. Para mim, em particular, é uma das mais gratas recordações que guardarei em minha memória!

# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Carta escrita pelo representante do Príncipe de Joinville, o francês Leonce Aubé, dirigida ao Imperador D. Pedro II, a 30 de agosto de 1850, isto é, três meses após a chegada do primeiro grupo de colonizadores: Leonce Aubé e o engenheiro da Sociedade Colonizadora de Hamburgo, Hermann Guenther, mais os dois primeiros colonos, Peter Schneider e Ewert Sebastian von Knorring, acompanhados de suas famílias e o cozinheiro de Leonce Aubé, Louis Duvoisin. A carta foi transcrita — no original francês — à página 58 da História de Joinville, de Carlos Ficker:

Majestade! Antes de minha partida do Rio de Janeiro, V.M. dignou-se de permitir que lhe escrevesse para conservá-lo ao correr dos meus trabalhos e, ainda que tenha poucas coisas a relatar, aproveito o favor que me foi concedido.

Logo após a minha chegada a São Francisco em companhia do engenheiro enviado pelo senhor Schroeder às terras concedidas por S.S.A.A. Príncipe e Princesa de Joinville, dei-lhe posse das referidas terras, a fim de que pudesse mandar executar os trabalhos imediatamente. Os primeiros serviços, isto é, a construção das casas ou dos galpões, destinados a alojar os primeiros colonos, por ocasião de sua chegada.

Em seguida fui a Desterro, a capital, a fim de visitar o Presidente e as autoridades da Província, pelos quais fui bem acolhido e após uma ausência de três semanas, voltei a São Francisco.

Caso V.M. queira conhecer o lugar onde estão estabelecidos os primeiros colonos e onde já foram construídas casas, que lhes devem dar abrigo, consultando o mapa da demarcação, V.M. encontrará facilmente o Rio Cachoeira, um dos afluentes do Saguauçu e subindo o Rio Cachoeira, encontra-se à esquerda o Rio Bucarein, um pouco mais acima um riacho e mais acima ainda um outro, mais extenso — e é justamente neste lugar que nós mandamos limpar uma pequena área de terreno, para construir duas casas, a cem braças mais ou menos do Rio Cachoeira, às margens do ribeirão, do qual acabei de falar, uma casa de cada lado.

Estes primeiros trabalhos já se acham concluídos há algumas semanas, mas infelizmente os colonos ainda não chegaram e há mais de um mês não tenho nenhuma notícia, o que me contraria bastante pela inação a que me vejo obrigado. Entretanto, para não perder completamente o meu tempo, acabo de escolher neste mesmo lugar que mencionei, uma área de cem braças quadradas, que mandei limpar e onde pretendo construir uma pequena casa. Tenho a intenção de fazer algumas experiências de cultura, para ver quais os produtos mais apropriados.

As noções aproveitáveis da experiência dos habitantes da Região, são quase nulas, pois em São Francisco, isto é, em todo o Distrito, não se cultiva senão mandioca e um pouco de arroz...

Segundo o historiador Carlos Ficker, o original da carta acima traduzida, encontra-se no Museu Imperial de Petrópolis.

## AO REDOR DO DR. BLUMENAU (III)

Theobaldo Costa Jamundá

Voltando a enumeração das entendidas como variáveis de fixação do imigrado, realçando a preocupação que não foi comum em muitas outras colonizações mesmo no território catarinense. E prosseguimos aqui no: 3. Preservar os valores da escola e da igreja. Que se entende em dr. Blumenau não admitir, na sua colônia o analfabetismo e o ateu. Daí a existência das aglomerações de imigrados sem conflito, por que localizados de modo inteligente como convinha: Escola, igreja e cemitério católico; escola, igreja e cemitério de confissão luterana; 4. Nas prioridades administrar carências conseqüentes com engenhosidade, usando o próprio saber aprender e o equipamento cultural de que era portador. E mais ainda aceitar a experiência daqueles que encontrou, principalmente, praticando a agricultura da cana-de-açúcar, do aipim e doutras plantas incluídas na alimentação. Na história da Imigração está anotado que o fracasso de várias, foi atribuído à fome. E desta particularidade dr. Blumenau estava bem avisado. E para evitar a fome aparecendo com a limitação incidente diretamente, sobre a capacidade de trabalho, orientou relacionamento com nativos, com pioneiros e com bandeirantes. Estes sabiam muito como tirar vantagens das potencialidades do rio e da mata.

O detalhe da fome da Colônia de Blumenau ser evitada, foi decisão pessoal e administrativa do dr. Blumenau. — Pessoal por que contrariaria uma consciente formação religiosa a que estava, de mo-

do consciente, submetido; administrativa por que seria como mancha de óleo e esvaziaria a empresa colonizadora. E de modo inteligente preparou-se para evitá-la. E efetivamente, evitou.

Entretanto bem poucos analistas ou escribas trataram da importância, de tal decisão. E também é notável que muitos e deles a maioria, deixaram fora dos comentários apologéticos, as bases do sucesso do colonizador que alcançou realizar o sonho e nele gravar, de modo indelével, o próprio nome. E tão fortemente, gravou que jamais foi ameaçado de ser trocado por outro.

E note-se que é comum atribuir o sucesso de colonização com ponta fincada na Colônia de Blumenau, a um imaginado valor intrínseco do imigrante germânico. Sabem os manuseadores das páginas da História da Imigração no Brasil, que vários núcleos de imigrados alemães não foram bem sucedidos. E entre eles está o instalado em Recife, PE. (Felizes seríamos todos, em termos de Brasil forte, se existissem onde os alemães foram colonizadores, outras, Blumenau, Joinville, São Leopoldo. Já estaríamos satisfeitos e repensaríamos sobre o valor do colonizador tedesco, se os núcleos por eles fundados, fossem sementeiras de personalidades como foi a Colônia de São Pedro de Alcântara, ali tão avizinhada da Ilha de Santa Catarina. (Quem procurar saber tem à disposição Elzeário Schmitt, OFM., «A Primeira Comunidade alemã em Santa Catarina».

(Para avaliação, se anote que os três nomes seguintes como sejam: Lauro Müller, Evaristo Arns, Irineu Bornhausen, dão a dimensão do afirmado sobre aquela colonização «Célula-mater das colônias alemãs»).

É apologético e sentimental atribuir um valor intrínseco superior ao imigrado germânico. E o caso brasileiro com marca catarinense do êxito da Colônia de Blumenau, é particular e integral da capacidade exercida por dr. Blumenau. Ele foi de corpo e alma um colonizador servido por inteligência, dedicação total no nível mais alto de abnegado. E soube ajustar a orientação oficial da divisão da colônia em lotes de 25 hectares que foi entendido cada um como «Propriedade de subsistência» ou como outros chamaram: «Propriedade familiar». A nacionalidade do colono pode ter contribuído quando o mesmo estava revestido de força de vontade e a compreensão do compromisso moral. Entenda-se que o dr. Blumenau tomou força moral e consciência religiosa como virtudes necessárias.

E à época, entendeu que a aplicação do Associativismo como meio para assegurar solução de problemas comunitários, conduziria a família colonizadora a um relacionamento permanente de interesse coletivo.

E desse entendimento a prova é o funcionamento da «VOLKER-VEREIN» (Sociedade do Povo) existente na Colônia muito cedo e exatamente dando-lhe as características de «Colônia Agrícola e Industrial» com funcionabilidade socialista. E não se perca de vista que o funcionamento do Sindicato Agrícola, de vastos benefícios, na assistência tridimensional ao sindicalizado, nas áreas de proprie-

mente, técnico-agrícola, financeira, e educacional. E deste Sindicato o vestígio mais forte chegou até depois da Segunda Guerra Mundial, substantivava-o o imóvel, instalações e terreno, avizinados a área urbana da cidade de Indaial. E foi ali que o Ministério da Agricultura instalou o Posto Agropecuário, visando recuperar o resíduo da família rural apertadíssima a criação de gado leiteiro. E ali muitos adultos que tinham recebido instrução na Escola Agrícola do Sindicato Rural de Blumenau, quando meninos, testemunharam em 1952, a inauguração de «Posto de Inseminação Artificial» operando coleta de sêmen em reprodutor de alta linhagem como raça leiteira. Em outubro de 1953 o funcionamento desse posto era satisfatório em progresso e um dos seus clientes era a «CIA JENSEN». E o dinâmico empresário Guilherme Jensen formava na vanguarda dos vanguardistas ambiciosos por melhoramento zootécnico de raças bovinas leiteiras.

A criação do gado holandês preto branco foi investimento, no qual, indiretamente, o Sindicato Agrícola de Blumenau, participou. E a Inseminação Artificial em bovinos leiteiros só funcionou, hoje, naquele longínquo meio deste século (de 1952 para frente) por que contou com o resíduo da sensibilidade associativista, e vindo de lá dos tempos, que a prática do associativismo deu à família rural o que ambicionava comunitariamente. Convém apreciar que o imigrado germânico portava valor de ser gente acostumada a ser unida para alcançar o pretendido. E por certo dr. Blumenau soube como fertilizar tal virtude.

Mas é no território de Blumenau que se colhe o comportamen-

to doutros imigrados praticantes de formas associadas, qualificadas como cooperativistas. E estes foram tirolezes e italianos.

Eles instalaram e desenvolveram entidades denominadas cooperativas em Rio dos Cedros e em Ascurra. E a de Rio dos Cedros foi do comércio de exportação internacional. Participaram nas atividades desta os que viveram sendo: Bona, Bertolli, Campestrini, Dorigatti, Fiamoncini, Largura, e outros mais que o enumerá-los não é possível por falta de espaço. Porém o interessado leia Beatriz Pellizzetti, «Pioneirismo Italiano no Brasil Meridional — Estudo de Caso». Curitiba, PR. 1981.

Neste livro aparece a figura maior, plena de autoridade cívica e moral, inteiriça no idealismo e na capacidade de trabalho, Ermemberg Pellizzetti, que a inquieta formação política dirigida para a comunidade que liderava ambicionou o Anarquismo que, seu amigo, o eng<sup>o</sup>.-agr<sup>o</sup>. Giovanni Rossi (Aquele da Colônia Cecília, no Estado do Paraná) quando dirigindo a Estação Agrônômica de Rio dos Cedros, instalada no lugar do mesmo nome.

Italianíssimo e bem certo do que podia pensar e fazer, Ermemberg Pellizzetti alcançou provar que o Cooperativismo era o meio para solucionar carências ocorrentes e que principalmente, encaminhava satisfatoriamente, a comercialização das safras e todas as etapas do cultivo de plantações.

Ía o tempo pelo começo deste século quando o Cooperativismo foi usado por gente com raízes na Itália ou no Tirol ou até na Áustria, e viviam da agricultura do arroz ou da agricultura do fumo. Também que até aceitaram praticar a tecnologia apresentada pelo dr. Giovanni Rossi como a plantação de arroz dependente de irrigação. Como o dr. Blumenau já deixara o seu amorável recanto no abeiramento do ribeirão Garcia, os tempos de Rossi e Pellizzetti estavam distanciados em, aproximadamente, 18 anos. Entretanto, as blumenauensidades ficaram fertilizadas e fertilizantes, insinuantes todas e falantes sempre: O SONHO DO IMIGRADO NÃO DEPENDE DA NACIONALIDADE, DEPENDE SIM DE FORÇA VIRIL DE VONTADE PRÓPRIA E FORTE

(Continua)

---

## REMINISCÊNCIAS NATALINAS

---

(Crônica publicada no jornal «A Nação», em 27.12.1960)

**José Gonçalves**

BOA DIA PARA VOCÊ, Papai Noel do Passado. Este Natal que passei com saúde, graças a Deus, no recesso de meu lar, me proporcionou algum tempo que, com tão doces recordações, fizesse

voar a minha mente a fantasia do Natal do passado, revendo aquele Papai Noel, barbudo, mas em trajes mais modestos, servindo-se menos da fantasia moderna, mas sim, utilizando-se da própria natureza,

para a sua missão tão agradável junto à petizada. Suas barbas, idênticas às quais nasciam nas velhas e frondosas árvores de nossas florestas; seus trajes de quase maltrapilho, davam a impressão de que o Papai Noel procedia de uma região encantada, aonde vivia-se muito modestamente e que o luxo no trajar não existia, mas que havia muita felicidade e alegria, que ele, Papai Noel, trazia para espalhar por todos os lares. Com essa doce fantasia, as crianças sentiam a emoção do momento solene. Ao receber a visita do Velhinho, todos se ajoelhavam e, em fervorosas orações, faziam preces a Deus, agradecendo a bondade de lhes ter enviado aquela figura tão simpática e amiga para lhes trazer os presentes. Para os brasileiros, lá no sítio, no sertão de nossa pátria, Papai Noel tinha outra denominação: Nicolau. Para os de origem italiana, era o Bambinelo. Para os que descendiam de alemães, era o Weihnachtsmann. E o Velhinho entendia-se com todos. Lembrome do ano de 1929, quando possuía meus 9 anos de idade, e que ao contrário das crianças da mesma idade, de nossa época, sentia profundamente o efeito daqueles momentos solenes da entrega do presente. E, porque não dizer, acreditava sinceramente em algo muito divino, muito espiritual em relação ao Velhinho do Natal. Os presentes, também, não eram dos que hoje se recebe. Não. Eram presentes que só nos faziam bem. Não recebíamos revólveres, metralhadoras, canhões, carros-tanque de guerra, ou outra miniatura que nos fizessem lembrar que com um apetrecho daquela natureza, no seu original modelo, era possível matar um homem ou dizimar até um exército inteiro. Recebíamos

uma gaitinha de boca, ou um pião, um carrinho de brinquedo, para o transporte de mercadorias. Os filhos de pais mais abastados, recebiam um trenzinho movido a corda, um automóvel ou uma motocicleta, impulsionados pelo mesmo sistema. As meninas só recebiam bonecas. Não eram tão lindas e perfeitas como as de hoje. Os mais pobres, contentavam-se com uma boneca confeccionada de fazenda. Sua face era pintada sobre um fundo branco, o que, em alguns casos, lhes davam um aspecto que provocava o riso. As outras, mais felizes, recebiam bonecas confeccionadas com celulose ou gesso. Mas, fosse dessa ou daquela confecção, eram conservadas como reliquia. Conheci pessoas já adultas, algumas casadas, que ainda conservavam as bonecas que haviam recebido quando crianças. E note-se, que isto ocorrera, em alguns casos, 20 a 25 anos atrás.

A evolução do tempo, se bem que tenha mantido aquele mesmo sentimento fraternal na humanidade, trouxe muitas inovações às festas do Natal. Papai Noel, hoje, quase não é visto nos lares de nossa cidade. Aparece, vez por outra em desfiles, etc., mas, a criança o vê, mais frequentemente, nos cinemas, nos jornais, nas revistas, ou nas folhinhas que as firmas mandam confeccionar para presentear seus fregueses. São poucos os lares que recebem a visita de Papai Noel, para a entrega dos presentes. Na maioria, as crianças os encontram sob o pinheirinho, mas, de Papai Noel, nem sombra. E então, aqueles momentos tão sublimes, em que o Velhinho chegava, batia à porta, esta lhe era aberta; ele, apoiado em um cajado, com um volumoso sa-

co às costas, fazia reverência à família, reunida em torno do pinheirinho, pedia licença para entrar, e esta lhe era concedida com alegria. Ele entrava, cumprimentava a todos, e chamava para si as crianças. Estas, respeitosamente, algumas um pouco assustadas pela aparência estranha do Velhinho, iam se chegando com reservas. Reuniam-se em torno dele, rezavam, acompanhadas por seus familiares adultos, faziam a solene promessa de serem sempre obedientes para no ano seguinte receberem presentes mais lindos. E depois dessa solenidade tão agradável quão tocante, iam recebendo seus presentes. Ocorria, às vezes, que o Velhinho, por ser muito idoso, e encher gar pouco, enganava-se na entrega do presente. Mas, em seu socorro, acorria o chefe da família, que resolvia o impasse.

Esse tempo, para nós, adultos, não volta mais. Podemos revivê-lo, procurando conservar essa tradição no nosso lar. Mas, existem dificuldades em muitos detalhes. O que não mudou, e não poderá mudar jamais, é o sentimento cris-

tão, de fraternidade, o desejo de sentir a paz e felicidade na noite de Natal. E com esse desejo, canta-se Noite Feliz. E a gente sente-se, realmente feliz, quando não há uma enfermidade ou um outro contratempo para sobrepor-se a esta vontade. Mas, nos nossos corações de chefe de família, lá no fundo, num pequenino recesso, sentimos um desejo ardente de dar um giro pelo passado, e, na impossibilidade de trazer ao nosso lar o Velhinho, começamos a revê-lo, naquela figura tão simpática de trinta e tantos anos atrás, lá naquele rincão que é a pequenina vila de Diamante, próximo a Rodeio. E com essas recordações, sentimo-nos ainda mais felizes, porque, em pensamento tão grato, voltamos um pouco ao passado, sentindo-nos meio adultos e meio crianças, sem que isso nos cause qualquer constrangimento. Tanto assim que, em fantasia, a esvoaçar pelo passado, eu me atrevo a recordar o Nicolau de 1929, e vejo-o tão perfeitamente à minha frente, que lhe apresento o meu BOM DIA PARA VOCÊ!

---

## Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VI)

Pe. Antônio Francisco Bohn

(Continuação)

ANO DE 1949

- Termo 1: Missa ao Divino Espírito Santo, em 01.01.
- Termo 2: Novena de São Sebastião, em 13.01.
- Termo 3: Visita do comissário à Ordem Terceira, em 16.01.
- Termo 4: Festa de São Sebastião, em 20.01.
- Termo 5: Missa na matriz pela conversão de São Paulo, em 25.01.
- Termo 6: Missa da bênção das velas e de São Brás, em 02 e 03.02.
- Termo 7: Provisões dos Conselhos de Fábrica da matriz e capelas (sem data).
- Termo 8: Provisão dos Conselhos de Fábrica das capelas de Gasparinho, Arraial, Gaspar Alto.

- Termo 9: Provisões em favor dos freis Flaviano, Solano e Jacinto, em 28.02.
- Termo 10: Término do teto da matriz artisticamente trabalhados pelo Sr. Bernardo Lenfers e irmãos. Remoção dos estaleiros, em 24.03.
- Termo 11: Comemoração de dois jubileus, em 02.04. e outro em preparação ao Ano Santo de 1950.
- Termo 12: Comemoração do Jubileu de ouro de ordenação sacerdotal do papa Pio XII não realizada em Gaspar devido às fortes chuvas, em 02.04.
- Termo 13: Celebração da Semana Santa de 1949.
- Termo 14: Confissões de Páscoa na 5ª. feira santa e demais celebrações.
- Termo 15: Sábado de Aleluia e bênção da água.
- Termo 16: Domingo da Ressurreição com procissão, em 17.04.
- Termo 17: Festa de N. Sra. da Gruta, em 03.05. Colocação dos 7 vitrais representando os "Gozos de N. Senhora" e 7 sacramentos.
- Termo 18: Nomeação de Fr. Inácio de Ribeirão Preto para o cargo de bispo coadjutor da diocese de Joinville, em 18.05.
- Termo 19: Inauguração do novo seminário diocesano de Joinville, em Taió, em 19.06.
- Termo 20: Festa de São Pedro, em 27.06.
- Termo 21: Chegada do aparelho de cinema para o ensino da catequese, em 01.08.
- Termo 22: Festa do Sr. Bom Jesus, em 06.08.
- Termo 23: Missa pela Pátria, em 07.09.
- Termo 24: Preparação para a Crisma, em outubro.
- Termo 25: Domingo das Missões e coleta para essa finalidade, em 23.10.
- Termo 26: Visita pastoral do Sr. Bispo coadjutor de Joinville, D. Inácio de Ribeirão Preto, de 01 a 06.11 na matriz e de 07. a 10.11 nas três capelas da paróquia.

Nota: Interrupção no Livro de Tombo. Os fatos dignos de registro foram feitos à parte e guardados no arquivo da paróquia. Esta nota do 2º. Livro à pg. 43v. é assinada pelo Pe. Fr. Roque Saupp, em 03.02.1953.

- Termo 27: Após a Visita Pastoral de 1949 são postas em prática as ordens e conselhos de S. Excia. Revda.
- Termo 28: Partida das Irmãs Franciscanas, em 31.12.1949. e diversos problemas relacionados com o fato.
- Termo 29: Descrição da problemática envolvendo dois terrenos disputados entre a Cooperativa dos plantadores de cana e a Igreja. Término da questão com a compra do terreno pelos Irmãos Zimmermann.
- Termo 30: Eleição dos novos fabriqueiros da matriz, durante a Visita Pastoral de D. Inácio.
- Termo 31: Dissolução do Coro Misto da matriz por problemas internos, durante a Visita Pastoral.

# AUTORES CATARINENSES

---

ENÉAS ATHANÁZIO

Se a presença catarinense não é mais forte no espaço cultural brasileiro, isso não se deve à falta de trabalho e de esforço de nossa gente, o que já é um consolo. Nestes últimos dias, e sem a pretensão de esgotar os casos, anotei através da imprensa os seguintes eventos: exposição individual do pintor joinvilense Sálvio Daré na galeria Camargo Vilaça, em São Paulo, com boa cobertura jornalística; a presença de Deonísio da Silva para palestra na UBE, em São Paulo, e a resenha de seu livro premiado no jornal "O Escritor", órgão daquela entidade; exposição individual da fotógrafa Lair Leoni Bernardoni em Nova York, dando sequência às inúmeras mostras internacionais que tem realizado; o cineasta Silvio Back foi focalizado em longo especial que acaba de ser exibido pela TVE, onde foram destacados aspectos de sua obra e ele pôde expor os princípios que a norteiam; o etnólogo e professor Egon Schaden (1913/1991) é focalizado em destaque no número 13 da "Revista da USP", instituição em que ele lecionou por longos anos; o historiador catarinense Carlos da Costa Pereira (1890/1967) é abordado com destaque no número 141 da revista "Notícia Bibliográfica e Histórica", editada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), sob a responsabilidade do Prof. Odilon Nogueira de Matos, onde também existem referências à revista "Blumenau em Cadernos"; o escritor Edson Ubaldo, em viagem pela Europa, faz palestras a respeito de nosso Estado e sua vida cultural; poema de Dinovaldo Gilioli foi selecionado para integrar a antologia resultante do II Prêmio Escrita de Poesia, de Piracicaba.

---

O grande evento local do período foi, sem dúvida, o "Festival de Inverno de Blumenau", realizado entre 4 e 26 de julho. A programação abrangia o III Festival de Música de Blumenau, o VI Festival Universitário de Teatro de Blumenau, o I Blu Jazz Festival e o I Salão de Artes Plásticas de Blumenau. Organizado com esmero, o evento continha atrações para todos os gostos e foi bem executado, agradando a todos que dele participaram. Sua realização movimentou a vida da cidade durante o mês de julho e conquistou merecidos espaços na mídia, além de atrair considerável número de interessados.

---

Outro acontecimento importante, condignamente festejado, foi o cinquentenário do "Herbário Barbosa Rodrigues", da cidade de Itajaí. Fundado em 22 de junho de 1942, pelo então seminarista Raulino Reitz, seu nome foi uma homenagem ao botânico Barbosa Rodrigues. Em 1953, com a doação de um terreno pela Municipalidade, foi construída a sede própria, no centro da cidade, onde até hoje se en-

contra. A instituição tem herborizadas 65.000 plantas de todo o Estado catarinense e a divulgação dos resultados vem sendo feita através da revista "Sellowia" e pela enciclopédia botânica "Flora Ilustrada Catarinense". O trabalho científico do Herbário é realizado por diversas pessoas amantes da natureza e dedicadas à pesquisa e graças à dedicação de dois botânicos que a ele se entregaram por muitos anos: O Padre Raulino Reitz, falecido em 1991, e o Dr. Roberto Miguel Klein. O Herbário mantém também o "Parque Botânico do Morro do Baú", que é uma unidade de preservação permanente de floresta tropical Atlântica, localizado no Alto do Baú, município de Ilhota. As comemorações do cinquentenário aconteceram entre 15 e 23 de junho, com vasta programação, e em 31 de agosto terminará o prazo para inscrição no concurso de monografias, dissertação e desenho instituído com a colaboração de outras entidades. Maiores informações à Avenida Marcos Konder, 800, telefone (0473 44-2725.

---

"Dan Galeria", um dos mais sofisticados espaços de arte do país, levou a efeito uma mostra inédita de obras do pintor Ismael Nery, figura genial e surpreendente de nossas artes, em quem se mesclavam elementos aparentemente contraditórios como a sensualidade e o misticismo. Foram expostos na ocasião 64 trabalhos em aquarela e desenho, todos reveladores do talento e da criatividade do autor. Merece referência especial o excelente catálogo organizado pela Galeria, contendo ensaios de Affonso Romano de Sant'Anna e Murilo Mendes, a quem se deve a preservação do acervo exposto, uma introdução ilustrativa denominada "Testamento espiritual de Ismael Nery" e reproduções das obras da mostra. O catálogo já é uma obra de arte e foi organizado por Gláucia S. Cohn, contando com a colaboração de Rodolpho Ortemblad Filho. Na sequência de sua programação, a Galeria realizou "Uma viagem pelo universo de Tito de Alencastro", exibindo trabalhos do gravador, ilustrador, pintor, contista, dramaturgo e diretor teatral que há muitos anos não expunha. "Dan Galeria" fica na Rua Estados Unidos, 1638, nos Jardins, em São Paulo, e merece uma visita. Quem faz pela arte e procura deixar este mundo um pouco melhor e mais bonito merece nosso apoio.

---

Como a poesia é indispensável, reproduzo aqui, para encerrar um poema de Elias Boell Júnior, extraído da coletânea "Blumenália Poética", lançada neste mês e que reúne os trabalhos de poetas novos e outros nem tanto. Aqui está ele:

### SOLUÇÃO

(Solução de um amor perdido)  
É necessário escrever

uma frase no tempo,  
é preciso contrariar o vento;  
vou ser destemido (inconseqüente).

Escreverei nossos nomes numa árvore,  
nas pedras, nas rochas, onde for possível  
(...)  
Eu preciso contrariar o tempo...  
— que não nos uniu.

---

## Um grito de alerta

# O MATO DOS PADRES

Um pedaço da Mata Atlântica original em pleno centro de Blumenau, uma reserva ecológica de valor incalculável, um dos pulmões da cidade — assim é até hoje o vale coberto de mato do pequeno ribeirão que abastecia o Convento Franciscano antes mesmo de existir em Blumenau rede pública de água.

Sempre conheci o lugar como **Mato dos Padres**.

A primeira vez que lá entramos foi no inverno de 1951. É claro que tinha que ser no inverno, pois naquela época não passaria pela cabeça de ninguém entrar no mato durante o verão, já que estaria certamente cheio de cobras à procura de acasalamento, assanhadas e prontas para picar qualquer incauto.

Fomos caçar, meu irmão João Alfredo e eu, armados de bodoques e pelotas de barro cozido, presentes de Giovanni de Toffolo, um velho amigo de meu pai, mais conhecido simplesmente como **Tetofel** ou **Chaquenpac**, que morava lá pelos lados de Luiz Alves. Posso adiantar o resultado: não matamos nada, ou seja, matamos tanto quan-

to mais tarde, com as espingardas que passáramos a usar...

Tínhamos subido pelo caminho aberto pelos tratores que haviam aterrado a área ocupada pelo parque de diversões, instalado para as comemorações do centenário da cidade (área mais tarde ocupada pela **Casa Royal**). Sem conhecer o mato, descemos durante um bom tempo por picadas semi-cerradas, na esperança de encontrar o falado **Ribeirão dos Padres**. Tudo teria sido muito fácil (embora bastante mais sem graça) se houvéssemos pedido a permissão dos proprietários, os padres franciscanos da paróquia da cidade, o que provavelmente teríamos conseguido sem maiores dificuldades, dadas as relações de meu pai. Felizmente acabamos encontrando outro **caçador**, Niels Deeke, armado de uma carabina calibre 22, que nos explicou como atingir o tal curso d'água. Passamos por duas represas com águas escuras e finalmente atingimos o reservatório principal, que acumulava a água, filtrada em areia, para o Convento e o Colégio Santo Antônio. Que água deliciosa! Não nos can-

samos de bebê-la, em copos improvisados, formados pela dobra de uma folha grande, lá abundante (a água era sempre bebida do **ladrão** e nunca da saída principal ou da válvula de esgotamento da caixa, aliás de muito fácil manipulação; havia naquela época ainda um forte sentimento de respeito pelas coisas alheias).

Uma claréira com vegetação baixa fazia notar o local onde árvores haviam sido abatidas para abrir — terrível heresia ecológica — um campo de futebol, felizmente já muito antes abandonado. Mais adiante uma grande pedra mostrava uma piedosa inscrição em baixo-relevo: **Ave Maria**. A picada descrevia a seguir um grande círculo irregular que terminava voltando à mesma pedra, provavelmente representando a proximidade dos limites da propriedade pelo lado oeste.

Longos cipós formavam imensos balanços naturais que nos levantavam até mais de quinze metros do fundo do barranco. Hoje me pergunto de onde arranjava coragem para balançar-me a tais alturas...

O mato era cheio de vida. Viam-se desde pequenas aves canoras a algumas espécies de maior tamanho e até mesmo eventuais micos e gatos-do-mato (nunca cheguei a vê-los, mas conhecia histórias de suas aparições), sem falar das cobras (vi algumas bem grandes) e das enormes aranhas **caranguejeiras**. A maior ave que eu mesmo cheguei a encontrar foi um uru, algo parecido com um frango, de cor acinzentada (mais rápido ao fugir do que eu ao engatilhar a arma...). O ribeirão era surpreendentemente povoado por pequenos peixes e mesmo camarões.

Quando combinávamos um passeio, geralmente em dias feriados, íamos com qualquer tempo, por vezes até debaixo de chuvas torrenciais. Como comida, levávamos uma feijoada, previamente preparada por minha mãe, acondicionada em uma lata de gordura de coco, para ser comida com farinha. Um pequeno manual de escoteiro ensinava como atear fogo até mesmo em lenha molhada, para poder esquentar a comida... Como abrigo contra a chuva, usávamos um pequeno **rancho** de madeira que havia logo ao lado da caixa d'água.

Seria impossível dizer quantas vezes repetimos tais **caçadas** durante o restante da década de 50, explorando todo o lugar, até as proximidades do Bom Retiro, onde o mato se juntava à reserva dos Hering. As últimas incursões já não foram **caçadas** e sim, passeios para colher pequenos arbustos com que enfeitamos os presépios, no Natal de 1958 e 1959 (o medo das cobras no verão já havia sido substituído por cuidados a tomar...).

Não me lembro de haver jamais matado algum animal, mesmo com as espingardas que acabaram substituindo os bodoques, aposentados como armas logo depois da primeira expedição (por fazerem as pelotas acertar mais no polegar da mão esquerda do que os alvos...). As espingardas, no entanto, serviam apenas para brincadeiras de tiro. A maior destruição por nós provocada era a eventual derrubada de um ou outro pequeno coqueiro, para dele extrair o palmito, comido ao natural.

Veza por outra cruzávamos com Frei Odo Rossbach, acompanhado de seus cachorros. Ficávamos então um tanto encabulados pela descoberta de nossa intrusão e

pela reprimenda por ele ensaiada sem grande ênfase. Em geral, acabava por nos permitir voltar por dentro das dependências do Colégio, passando ao lado da marcenaria e da piscina.

Depois de tantos anos quase perdida em meio a memória de um passado já distante, o **mato** voltou-me à lembrança há poucos dias, quando soube que a Província Franciscana estaria pensando em vendê-lo, como já fez com parte de suas propriedades em Blumenau. Necessidades financeiras da Ordem estariam forçando tal transação.

Estou certo de que deve haver outros ex-frequentadores do **mato** de minha juventude que dele guardam igualmente grandes e boas recordações, talvez ainda maiores e melhores do que as minhas. Lembro-me de lá ter encontrado muita gente, cujos nomes já me escapam, além de meu primo Beto Baumgarten, (que me emprestava sua **trinta-e-dois**) e do já mencionado Niels Deeke. Onde estão?

Blumenauenses, onde estais?  
Ecologistas, onde estais?

O **Mato dos Padres** é patrimônio da cidade. É preciso fazer alguma coisa! O Município deveria quem sabe, tomar a iniciativa de declarar a área como de utilidade pública e tombá-la com fins preservacionistas, ecológicos e ambientais.

Afinal estamos no ano em que nosso país é sede de uma conferência mundial em defesa do meio ambiente. Façamos nossa parte!

Fica daqui meu alerta e um apelo: salvemos o **Mato dos Padres** da destruição e da especulação imobiliária!

Aos Franciscanos, lembro que a propriedade onde foi instalada a sede da Paróquia foi adquirida do Vigário Padre Jacobs em 1891, que por sua vez tinha recebido tais terras como doação do Dr. Blumenau, para uso em missão pastoral. Sua alienação para o atendimento de necessidades outras, mesmo passados já cem anos, embora perfeita sob a ótica da lei, não me parece legítima, quando vista de um ponto de vista estritamente ético.

**Armando Luiz Medeiros**

---

## REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

---

**Atilio Zonta**

Criado o Município de Indaial.

Ascurra, distrito anexado ao novo município.

Como já fôra assinalado na seção imediatamente precedente e, também, em capítulos anteriores ao longo da narração desses acontecimentos históricos, o distrito de Ascurra foi restabelecido e voltou como em tempo anterior,

sob a administração direta da Superintendência de Blumenau.

Os contratempos surgidos com a sustação e consequente anexação ao distrito de Arrozal sob o comando do ex-Rodeio, gerou divergências entre as duas povoa-

ções limitrofes, sofrendo Ascurra, em consequência, demorada estagnação em seu crescimento econômico, cujo reflexo foi cerceador do seu desenvolvimento, durante quatro anos, aproximadamente. Com o restabelecimento e Intendente nomeado, desde então, as famílias nele implantadas, voltaram a entusiasmar-se, em virtude de poderem contar, novamente, com os benefícios constantes e regulares dos Governos, Municipal e Estadual, de vez que, durante a fusão com Rodeio, jazia Ascurra olvidada em seu progresso por ver interrompidos esses subsídios. Na nova situação, os colonos recommençaram a ampliar as próprias lavouras e aumentarem a área dos arrozaís, fazendo outras tantas melhorias nas propriedades; outros se estabeleceram com engenho de cana, de serrar e de mandioca e várias pessoas abrindo pequenas casas de secos e molhados, ferrarias, marcenaria, etc.. Essas novas diligências esparsas em seu território, trouxeram um clima de euforia, impulso renovador a todas as famílias, possibilitando a elas de renda mais condizente através de melhor produção, provendo, por conseguinte, à administração distrital, de meios para abrir estradas, beleza urbana e novas frentes de trabalho. Outro aspecto que deve ser ressaltado foi a contribuição direta do governo estadual, no atendimento dos pedidos de auxílio canalizados sem intermediários à Intendência, e ao mesmo tempo, distante da interferência de outras repartições públicas.

As autoridades de Ascurra sempre puderam contar com os préstimos e com a colaboração valiosa de seu pároco, e na oportunidade, do Padre Osvaldo Vieira de Andrade que dirigiu a igreja ma-

triz de 1926 a 1928, bem como, a de seu sucessor que retornou a Ascurra, o inesquecível Padre Ângelo Alberti; com os serviços apreciáveis do Padre Marcílio Lobo, juntamente com os do político habilidoso, o reverendo padre Olivio Giordano, até o final da década de trinta.

Durante esse triênio, juntaram-se aos padres acima referenciados, Isaias Zonta, Escrivão de Paz e depois Inspetor das Linhas Telegráficas e seu sucessor no Cartório, Tercílio Murara, bem como, Marcelo Barbeta, Delegado de Polícia e Gregório Demarchi, Juiz de Paz, dispondo-se a darem todo o apoio para os representantes da comuna afim de reconquistar o prestígio político de seu distrito.

Em 1928, uma nova organização foi dada às Superintendências e aos Conselhos Municipais, com a promulgação da Nova Constituição, quando os Superintendentes passaram a denominar-se de, Prefeitos, os Conselheiros de Vereadores, a Superintendência de Prefeitura, e o Conselho de Câmara.

Indaial, nesse tempo, um dos distritos mais densamente povoado, com economias abundantes, e significativa produção das próprias indústrias de porte relativamente grande, para a época, e dezenas de outras menores, estimulando suas energias econômicas, gerando riquezas; uma lavoura diversificada, que além de suprir à necessidade da região, atendiam plenamente a demanda de outros centros consumidores mais adiantados, quando, também, muitos carregamentos de cereais e produtos industrializados, destinávamos ao planalto catarinense onde eram comercializados, e grande parte, escambável por outros produzidos artesanalmente nes-

sas regiões. Para o distrito de Indaial, além de promover-se perante os municípios catarinenses através de tudo o que produzia, isto representava também um potencial importantíssimo de sua economia, constituindo-se numa das suas principais fontes de renda. Consolidava-se, ao mesmo tempo, a presença de alemães, italianos e polacos, mesclando-se as raças, misturando-se as línguas e concretizando-se um futuro feliz da população. Tudo, conseqüentemente, contribuiu para um bem-estar melhor dos seus munícipes.

O Interventor Aristiliano Ramos, em 1934, decretou a emancipação do distrito de Indaial, desmembrando-o de Blumenau, propiciando-lhe a Constituição, em município autônomo, sendo sob todos os aspectos, auspicioso para os indaialenses. No mesmo ato, Ascurra passou a constituir distrito do município recém-criado. Indaial, com administração instalada em sua sede, o Poder Municipal, pôde mais precisamente, com os recursos de que dispunha, advindos de suas indústrias e das lavouras, por sinal, abundantes e expressivos, atender às necessidades materiais e culturais das povoações a ele subordinadas, produzir meios para a melhoria de produção física; retificando estradas, construindo pontes e bueiros, abrindo caminhos em direção às matas ainda por desbravar, afim de que, nelas começassem a surgir outros tantos roçados para formação de novas lavouras e usufruírem, posteriormente, das boas colheitas. Ascurra, mais próxima da administração municipal, exigia um atendimento mais rápido, de vez que, a distância geográfica ficou diminuída em vinte e cinco quilôme-

tros, em relação ao percurso que anteriormente era percorrido, para alcançar Blumenau.

Mesmo assim, a população de Ascurra sentiu imensa tristeza — segundo pesquisas levantadas junto à pessoa de idade respeitável que aí continua residindo — ter de separar-se de Blumenau, porquanto esta municipalidade jamais deixou de tomar em consideração às solicitações e reivindicações apresentadas durante setenta anos, a ela dependente administrativamente. Nessas sete décadas deu acolhida com muito carinho aos laboriosos italianos originários do velho mundo, que aportaram aqui desprovidos de quaisquer meios de sobrevivência, para fazerem frente às necessidades primárias e, também, a todas as gerações subsequentes, até a separação. Blumenau, sempre lhes ofereceu meios para eles poderem transpor as dificuldades. Os descendentes desses imigrantes, igualmente, guardam nos próprios corações a saudade daqueles tempos de convivência pacífica. Entretanto, devemos ter presente que muitas mudanças representam um progresso. Mas a lembrança da comuna de Blumenau, para os ascurrenses, será imperecível e passará de geração em geração. Ainda nos dias de hoje, todos se orgulham de seus ancestrais terem pertencido ao grande município, cuja população ordeira e trabalhadora deixou uma recordação e exemplos dignificantes e imorredouros nos corações dos ascurrenses, pois, Blumenau, na verdade, sempre estimulou o empreendimento, não só industrial, mas também agrícola e comercial, com reflexos positivos em toda a região do Vale do Itajaí-Açu.

Lamentando a separação, o

povo de Ascurra agradecido, se despede de Blumenau, em 25 de fevereiro de 1934.

Nos próximos números de «Blumenau em Cadernos» abordaremos assuntos relativos a:

- Instalação de energia elétrica em Ascurra;

- As pequenas indústrias acionadas à força motriz;
- A primeira máquina de descascar arroz;
- O primeiro prefeito eleito do município recém-criado, Indaial e,
- Intendente Distrital Florindo Isolani na gestão do Prefeito Klein.

---

## HISTÓRIAS, FATOS E COMENTÁRIOS

---

# DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

W. J. Wandall

### (Conclusão)

Como consequência da Primeira Guerra Mundial, tivemos o empobrecimento das nações européias e como isto refletiu nas Américas, as falências do Velho Mundo repercutiram no Ocidente, até acontecer a crise econômica mundial de 1929, conhecida como a "Grande Recessão". Como produto de importância máxima para a comercialização brasileira no exterior era o café e este não mais vinha sendo adquirido, a produção brasileira entrou em crise originando o desemprego, a desarmonia econômica e o aparecimento de lutas reivindicatórias das classes operárias ruralistas. Diante desse quadro e vendo um terreno fácil de aportarem, divulgadores de filosofias européias vieram ter ao Brasil e começaram o seu trabalho de divulgação e doutrinação.

Não demorou muito e ideologias ou filosofias dominavam as classes sociais do Brasil, gerando a formação de grupos proletários revoltando-se contra as classes superiores e, ainda, por serem as detentoras do poder. Foi em virtude de tal convulsão que as teorias comunistas começaram a se expandir no Brasil, a partir de 1º de novembro de 1918, quando Abílio de Nequete (um libanês, cujo

nome correto era Abdo Nakt) funda em Porto Alegre a União Marximilista, como resultante de sua participação numa reunião comunista sul-americana, em Montevideu. De imediato, pensou-se em tornar o movimento de caráter nacional, para tanto se buscando no mesmo engajar o proletariado brasileiro, que naquele tempo organizava-se em sindicatos e adotando a filosofia liberalista.

O ano de 1922 ficou marcado por acontecimentos que mexeram com a opinião pública: a insurreição ocorrida no Forte de Copacabana e a realização da Semana de Arte Moderna. Tais fatos trouxeram uma neva ação para o povo brasileiro. Aproveitando a intranquilidade e o momento propício a mudanças sociais, funda-se a 25 de março de 1922 o Partido Comunista do Brasil e se realiza o I Congresso dos Grupos Comunistas, em Niterói (na praia de Icarai), onde são aprovados "os estatutos do Partido Comunista do Brasil, seção brasileira da Internacional Comunista". Foi escolhido como secretário-geral do partido Abílio de Nequete, o qual veio a ser substituído alguns meses depois de sua escolha, por Astrogildo Pereira, tornando-se este, doravante, líder máximo do movimento comunista no Brasil.

Vale acrescentar, também, ter sido o governo do Presidente Artur Bernardes um dos mais tumultuados. Vários movimentos revolucionários eclodiram, obrigando, inclusive, à decretação do estado de sí-

tio no Brasil, a fim de conter a onda de subversão da ordem social. Mas, o Partido Comunista do Brasil procurou aliar-se aos líderes revolucionários liberais, em 1923, com a finalidade de tornarem-se bastante fortes e se porem na vanguarda, para "derrubar o inimigo comum: o Presidente da República. Não tendo conseguido o seu objetivo foram castigados pela ação rebelde; prisão de alguns dos líderes comunistas..."

Mas, concomitantemente a tais agitações outro movimento rebelde a causar muitos problemas às autoridades governamentais, ocorreu no final do ano de 1924 e teve o nome de "Coluna Prestes". A ação desse movimento originou-se de algumas intencões militares frustradas, havidas no Rio de Janeiro e São Paulo. "Em sua marcha pelo interior do país, percorreu mais de 24 mil quilômetros, ocupando posições e cidades para abandoná-las em seguida. Inicialmente, com cerca de novecentos homens, atravessou Mato Grosso, rumo à Goiás", tendo travado vários combates ao longo de sua caminhada no Brasil, de norte a sul, até refugiar-se na Bolívia, em 7 de fevereiro de 1927, com 620 homens, além de 65 que seguiram para o Paraguai junto com Siqueira Campos.

Apesar de sua fantástica caminhada em nada contribuiu para depôr as autoridades governamentais. Todavia, é preciso se atentar para a filosofia adotada pelos militares da "Coluna Prestes: seus chefes eram animados pelo típico idealismo tenentista, que pretendia a moralização dos costumes políticos". Quase uma filosofia utópica, contudo, não deixa de ter o seu valor se atentarmos para a forma de disseminar nas bases eleitorais os seus princípios políticos, o que até nossos dias é uma verdadeira utopia.

Tais movimentos não motivaram os habitantes do Vale do Itajaí, pois, como as constantes comunicações entre imigrantes e seus familiares da Alemanha e da Itália, davam conta daqueles países do Velho Mundo reagirem à infiltração comunista na Europa, mantiveram-se afastados dos movimentos brasileiros. Outro fator a influenciar os valeitajaenses a manterem-se a parte da anarquia proporcionada pelos rebeldes, foi constatarem, conforme palavras de Leôncio Basbaum, historiador marxista, que escreveu em 1960: "conduzido, desde 1934, por mãos inábeis e aventureiras, e caindo, sobretudo a partir de 1943, ora no mais desesperado esquerdismo, ora no mais vulgar oportunismo, sua história (do P.C.B.), nestes úl-

timos anos, se resume em uma série de erros e fracassos, que afastaram-no do proletariado"

No entanto, surge em 1930 o integralismo no Brasil "pregando uma rígida organização da sociedade com base nos princípios de disciplina e hierarquia, e apresentando-se como vanguarda nacionalista na luta contra o comunismo, o capitalismo internacional e a liberal-democracia...", porém, fugia dos procedimentos comuns do fascismo. Esse movimento teve boa aceitação entre os habitantes do Vale do Itajaí. Em Blumenau, tendo em vista as características do movimento: fiel obediência às normas estabelecidas, muito ao gosto dos imigrantes germânicos e italianos e seus descendentes, o integralismo reuniu uma boa parcela de seguidores, tanto assim que em 7 de outubro de 1935 aqui se realizou o I Congresso das Províncias Meridionais.

Todavia, com a decretação do Estado Novo, em 1937, e como o integralismo apresentava-se como uma ameaça às pretensões de Getúlio Dornelles Vargas, por esse tempo declarando-se ditador, dissolvendo o congresso e extinguindo os partidos políticos, mandou prender os líderes do movimento e dispersar os seguidores daquela doutrina. Dita ação governamental descontentou os valeitajaenses, pois, sentiam-se menosprezados em sua ação de fazer com que o Brasil voltasse a trilhar o caminho da ordem e do progresso. Recomeçou, também, as ações dos nacionalistas apresentando uma certa hostilidade aos imigrantes e seus descendentes, seguidores da doutrina integralista.

Por volta de 1930, surge na Alemanha o nazismo, tendo como seu maior líder Adolf Hitler. A política nazista preconizada no programa do "Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei" — N. S. D. A. P. — Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e definida por Adolf Hitler, baseava-se em: "união de todos os alemães numa "Grande Alemanha" (incluindo seis milhões de austríacos, três milhões de sudetos e um milhão de alemães espalhados na Polónia e em Danzig); revogação dos Tratados de Versalhes e Saint Germain; cassação da cidadania dos judeus, que não teriam direito a emprego público ou a trabalhar na imprensa, devendo ser expulsos do país os que nele tivessem entrado depois de 2 de agosto de 1914; pena de morte para os traidores e usuários; além de outros itens de caráter propagandístico".

Como doutrina difundiu-se que o "Füh-

rer" era dotado de dons divinos para se tornar no chefe absoluto de tudo, encarando um "Führerprinzip", segundo o qual Hitler era o legislador, o juiz e o executor supremo, a própria encarnação da vontade do povo e da raça. Suas ordens deviam ser obedecidas cegamente, e não tinham necessariamente que tomar a forma de leis. Então, Adolf Hitler, o "Führer", passou a desenvolver uma política externa expansionista, "apoiando-se na teoria do "Lebensraum" (espaço vital), consoante a qual todos os povos germânicos deviam unir-se sob um só Estado". Acreditavam, Hitler e seus seguidores, ainda, na "Grosswirtschaftsraum" (grande espaço econômico unificado), razão pela qual procurava formar uma força bélica para conquistar os territórios ainda não sob o seu domínio. E assim agia, pois, a filosofia nazista pregava estar "o alemão destinado a ser um "povo de senhores" (Herrenvolk), que governaria os demais em bases orgânicas hierarquizadas".

Mas, como isso chegou ao Brasil, ou mais particularmente ao Vale do Itajaí? Richard O. Dalbey explica detalhadamente o fato. "Depois da ascensão de Hitler em 1933, os nazistas do Brasil não perderam tempo e tomaram a direção de cerca de 2.500 escolas alemãs. Já que as colônias alemãs ainda estavam ligadas a todos os ramos da vida econômica, cultural e política alemã, não é de se estranhar que as escolas se tornaram um dos mais importantes meios, através dos quais a Organização do Partido Nazista podia endoctrinar a população de língua alemã local, segundo o WELTANSCHAUUNG Nacional-Socialista.

As escolas alemãs foram imediatamente organizadas em ligas escolares urbanas e estatais sob a Organização de Professores Nacional-Socialistas, que por si era ligada à Organização Estrangeira da N.S.D.A.P. na Alemanha nazista. De 1933 em diante, somente os professores treinados na ideologia nazista e aprovados pela N.S.D.A.P. poderiam ensinar nas escolas. O material didático importado para o uso nas escolas também refletia a mudança no pensamento social da "nova" Alemanha ao introduzir o ensinamento de que o III Reich tinha a missão de "alemanizar o mundo ao suplantarmos a lealdade ao Brasil pela lealdade à Alemanha". De tal ação surgiram os movimentos designados por "Quinta Coluna", existentes em grande número ao tempo em que Getúlio Vargas, impõe aos brasileiros o "Estado Novo", tornando-se ditador do povo brasileiro.

Uma onda de mal-estar cercava o relacionamento entre imigrantes germânicos e seus descendentes e brasileiros. Já não se tratava mais de jacobinismo ou nacionalismo, mas, uma verdadeira desinteligência doutrinária. Retaliações as mais diversas eram cometidas de ambas as partes, tornando-as em exageros absurdos, conforme já mencionamos anteriormente. Assim, a campanha nacionalista crescia em proibições enquanto o nazismo arrebanhava um número sempre maior de adeptos, principalmente no Vale do Itajaí. Em muitos nacionais extremados arraigou-se em seu âmago, o ódio pelo imigrante ou seu descendente, devido aos excessos praticados, prejudicando sensivelmente o relacionamento social, às vezes até, perigosamente. Haveria que se coibir tal situação. Não importavam quais os objetivos dos "Quinta Colunas": era mister aliviar-lhes a carga doutrinária nazista recebida e os fazer lembrarem-se de que o Brasil jamais seria uma possessão alemã, segundo pensava Adolf Hitler.

Menciona Dalbey: "entretanto, não foi senão nos últimos anos da década dos trinta quando as incursões da infiltração totalitária de fora, começaram a colocar a "Defesa do Estado" em sério perigo, que o governo brasileiro deu-se conta subitamente do perigo que sua indiferença tinha ajudado a criar através das décadas. Com a instalação do ESTADO NOVO em 1937, o Presidente Vargas pode usar seu novo poder, de grande alcance, para a nacionalização econômica e cultural da população estrangeira. A forma de nacionalização cultural de Vargas foi provavelmente a medida mais agressiva tomada por qualquer país da América do Sul, para resolver o problema de sua minoria.

Os regulamentos pretendiam derrubar a manutenção de uma cultura homogênea entre entidades estrangeiras, dentro do Brasil e a dissolução da identidade étnica das minorias estrangeiras, no pressuposto bem fundamentado de que, com o desaparecimento da língua estrangeira, a absorção social e cultural seria somente uma condição de tempo. Assim, a escola particular alemã, que tinha sido usada pelos colonos por mais de um século como meio de manutenção dos laços de lealdade estrangeira, tornou-se um dos principais alvos de nacionalização. Os objetivos do programa educacional de Vargas foram resumidos em 1940 pelo General Eurico Gaspar Dutra, o então Ministro da Guerra (e mais tarde Presidente). Disse ele: "O principal objetivo da educação é criar uma

consciência nacional..." Ele prosseguiu enfatizando que as escolas tinham o dever de encorajar "uma mentalidade capaz de dispôr da opinião pública favoravelmente para o nacionalismo".

Apesar da ação dos agentes federais e, principalmente do Interventor Estadual Nereu Ramos, a situação se agravava cada vez mais, notadamente a partir do início da Segunda Guerra Mundial e das campanhas bem sucedidas dos alemães, em sua ação de tornar realidade a política de Hitler, preconizando tornarem-se os germânicos os donos do mundo. Em Blumenau, especialmente, o autor deste trabalho pode presenciar a existência de mapas-mundi marcados com tachinhas, determinando o avanço das forças do "Führer" e as conquistas conseguidas. Reinava no semblante dos mais fanatizados uma expressão de alegria e superioridade, pelos feitos dos militares nazistas. Todavia, a ação nacionalista de Vargas prosseguia, para maior desagrado dos contrários àquelas medidas impostas pelo Ditador do Brasil, e severamente cumpridas pelo Interventor Nereu Ramos.

É Richard O. Dalbey quem comenta: "embora os instrumentos de Vargas, para levar uma endoutrinação patriótica ao processo de educação, fossem criados através de uma série de decretos "emocionais" dirigidos ao combate de influências políticas estrangeiras em TODAS as escolas estrangeiras, as medidas adotadas foram dirigidas primeiramente às escolas particulares da "Aliança Sagrada" dos fascistas. Assim, a questão de dar cursos em línguas estrangeiras e de permitir que governos estrangeiros subsidiassem escolas particulares, ficou muito ligada ao problema da propaganda nazista e fascista."

Das três comunidades do Eixo, a nacionalização das escolas alemãs foi o que causou os sentimentos de desprezo mais fortes por parte dos colonos. Dentro de poucos meses, eles viram o trabalho cultural de uns 115 anos paralisado, enquanto que a vida e a morte de sua nacionalidade estava sendo decidida sob campanha desnacionalizadora de Vargas. Quando a brasilianização das escolas alemãs começou a encontrar uma resistência aberta nos compactos distritos alemães, o governo reagiu instituindo uma campanha de assimilação forçada, brutal, severa e até mesmo punitiva. Como resultado, os alemães replicaram por sua vez, construindo escolas clandestinas e secretas".

Uma das reações do governo de Getúlio Dornelles Vargas, relacionada com o Vale do Itajaí, foi a de mostrar-se simpático

à região, atendendo a uma velha reivindicação dos aqui residentes. No entanto, se olharmos com mais cuidado para o fato, talvez estejamos presumindo erroneamente, foi muita coincidência a atitude tomada pelo Presidente da República, em relação ao equacionamento dos problemas a resolver naquela época.

"Foi organizado em Valença (Rio de Janeiro), no mês de janeiro de 1939, o 32º. Batalhão de Caçadores. Estabelecido provisoriamente naquela cidade, aguardava a conclusão do seu quartelamento em Blumenau. O deslocamento iniciou-se em começo de abril e a chegada à Blumenau ocorreu em 11 daquele mês. Festivamente recebido pela população e autoridades, o 32º. Batalhão de Caçadores instalou-se provisoriamente nas dependências da Sociedade Atiradores de Blumenau (hoje Tabajara Tênis Club) e Sociedade de Ginastas, cujo prédio ainda hoje existe e faz parte do patrimônio do Conjunto Educ. Pedro II.

Seguindo o princípio de bem servir à comunidade, esta corporação logo integrou-se na vida social blumenauense. No seu objetivo de solução do problema de nacionalização, soube desempenhar o seu papel. A instalação desta Unidade Militar veio auxiliar e modificar a problemática na área educacional. As escolas de ensino alemão foram fechadas. A abertura de escolas de ensino na língua portuguesa veio beneficiar os que ingressavam nas fileiras do batalhão. O número de conscritos que mal falava a língua pátria recebiam instrução adequada através de uma Escola Regimental para os praças. Com os professores e escolas houve íntima colaboração de aproximação entre escolares e o quartel, proporcionando desta forma maior compreensão dos deveres cívicos e do papel desempenhado pelo soldado em defesa da Pátria.

Visando o desenvolvimento de Blumenau e região, a integração do 32º. Batalhão de Caçadores junto à comunidade foi demonstrada de várias formas. Em 1940, prestou relevantes serviços à Blumenau e região, quando foram colocados à disposição das autoridades civis e empresas particulares, para executarem os trabalhos de vacinação anti-tífica que representava na época uma ameaça epidêmica de febre tifóide. Foram também destacados pelotões para os trabalhos de desmatamento da região, para o combate à malária". Estas informações foram publicadas por Sueli Maria Vanzuita Petry, em "Blumenau em Cadernos", de abril de 1989.

A partir de 1943, quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial, ao lado

dos Aliados, devido o afundamento de navios brasileiros pela marinha nazista, recrudesceram mais ainda os desentendimentos entre brasileiros e imigrantes, assim como seus descendentes. Tal fato ocorreu concomitantemente à redução do ímpeto bélico alemão, devido a algumas derrotas sofridas para os Aliados. Apenas para registro, vamos apresentar um relato de Siegfried Carlos Wahle, sobre o procedimento das autoridades brasileiras. "O senhor Erwin Ruehle e sua filha Gisela, então minha noiva, foram detidos em outubro de 1942 por serem alemães. Esta detenção foi relaxada em maio de 1943, por interferência do Delegado da Ordem Política e Social do Rio de Janeiro. Ao senhor Ruehle fora indicada a cidade de São Bento do Sul como residência obrigatória e a sua filha Gisela, a cidade do Rio de Janeiro". Vale acrescentar que tanto o pai como a filha moravam em Blumenau.

Outro depoimento nos faz dona Gentil Steiner, quando informa: "trabalhei 13 anos, de 1922 a 1935 em Blumenau como professora; casei e me transferei, contratada pela Escola Alemã de Joinville, para essa cidade. Em 1943, o colégio foi fechado: "pelo bem da nacionalização brasileira". A política espúria então reinante, o Estado nas mãos de Nereu Ramos, valeu-me um "XADREZ" de 10 meses e expulsão do Estado. Também eu havia escrito e falado, para aquela época, demais. Roubaram-me tudo, menos a dignidade e a honra. Meu marido preso (internado, como MAJOR DA AVIAÇÃO), na Ilha Grande, nada podia fazer por mim. Era a guerra interna, no ESTADO, a guerra que não cobriu de glória a ninguém, apenas humilhou, prejudicou, levando a miséria a muitos lares.

Vim para o Rio de Janeiro e alguns meses depois consegui libertar meu marido. Tive uma vida bastante dura; em compensação, encaro a todos de cabeça erguida, orgulhosamente. O depoimento acima é feito, conforme dissemos, por Gentil Lázaro Steiner, esposa do Engenheiro Alfons F. M. Steiner, de origem alemã e que por muitos anos fez parte da equipe de projetistas da empresa Gramlich de projetos civis, em Blumenau. A depoente, Gentil Lázaro Steiner é de descendência portuguesa, mas, nascida em Blumenau tendo aqui feito seus estudos até chegar à condição de professora de língua alemã, lecionando inicialmente na Escola Nova de Blumenau, atualmente Conjunto Educacional Pedro II.

Fatos hilariantes, embora tristes, também aconteceram naquele tempo. "Nessa

época, os casamentos de pessoas mais humildes da colônia, ainda eram celebrados no cartório. Vinham em carros de mola, enfeitados com palmitos, rosas e outras flores e plantas. O cocheiro mais bem vestido do que o cotidiano, e em comboio, geralmente com dois ou três carros que seguiam o carro dos noivos, soltando foguetes intermitentemente. Após o casamento normalmente celebrado na parte da manhã, vinha uma respeitável festa na casa da noiva, onde não faltavam bebidas alcoólicas. Em pouco tempo a alegria reinava no ambiente.

Como estas festas conduzidas eram dentro da tradição de 90 anos, eram igualmente em alemão transcorridas, pois de outro modo não sabiam festejar, e simplesmente continuavam a proceder desta maneira. Mas, com a nacionalização, isto fora proibido e, eis que no auge da festa, apareciam as autoridades e todos os participantes, inclusive a noiva vestida em seu traje nupcial, com véu e grinalda e flor de laranjeira acomodados nos carros de molas enfeitados, eram conduzidos e recolhidos ao xadrez. É aí que a festa continuava, sem comidas e bebidas, porém, dando vazão a vontade de cantar em voz alta, permitindo aos transeuntes da rua apreciarem a festa da cadeia. Desse modo, alguns blumenauenses passaram a sua noite de núpcias na cadeia pública de Blumenau".

Outras ações, também chocantes, ainda foram praticadas pelos nacionalistas; algumas já mencionamos linhas atrás. Contudo, é preciso igualmente ser dito que, também do lado dos imigrantes e seus descendentes, atos considerados exagerados foram utilizados. Basta, apenas, ler-se algumas obras a respeito do assunto e encontradas na Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller", em especial o livro que enfoca o procedimento nazista em Blumenau, tendo como título "O Punhal Nazista no Coração do Brasil", visto pela ótica militar e onde se pode ver fotos e nomes de entidades e pessoas que participaram dos vários movimentos ligados à doutrina nazi-fascista. Acreditamos, com a nossa mais pura sinceridade, que as deprimentes situações ocorridas em datas passadas, são mais um produto da falta de uma melhor compreensão de ambas as partes, a respeito da situação vivida naquele chamado período negro da História do Vale do Itajaí.

Mas, é Richard O. Dalbey quem acrescenta: "fazendo um retrospecto parece que a nacionalização é mais provável ocorrer num país cujas ideologias estran-

geiras estejam em conflito com o "espírito nacional". O governo percebera que o melhor lugar para romper o pernicioso cordão de isolamento e o regionalismo agressivo era nas escolas públicas, onde os fundamentos da ética e ideologia de uma nação são melhor ensinadas na linguagem das massas. No entanto, a "nacionalização da educação" era somente um dos muitos passos necessários, dados para efetivar uma assimilação mais rápida. Não se pode ignorar o milagre da industrialização do Brasil entre 1930 e 1940 e sua contribuição para a realização nacional. O fato de que a era de Vargas marcou uma mudança definitiva da ênfase do nacionalismo político e cultural para o nacionalismo econômico é realmente importante.

Enquanto o Brasil começava a se transformar numa nação moderna e numa potência mundial, as regiões alemãs tornaram-se insignificantes, meras comunidades rurais de passagem, sem importância política ou econômica, à medida em que os imigrantes eram cada vez mais atraídos

aos centros urbanos incipientes. A vida urbana em geral, com a sua mistura de nacionalidades e adaptação mais rápida à maneira lusa, geralmente facilitava as escolas públicas a incutir os objetivos nacionais. Com o eventual estabelecimento das "colônias mistas", no sul, os alemães começaram a desenvolver aos poucos uma espécie de cultura do Novo Mundo, composta de muitos elementos trazidos da Europa e complementada por certos traços e traços complexos, tomados de empréstimo dos brasileiros".

Diante das palavras de Dalbey, podemos facilmente explicar a razão do desenvolvimento de Blumenau em relação aos Municípios que rodeiam este nosso minúsculo Município. Vem daí, também, porque tantas e tão modernas indústrias aqui estão implantadas. Não devemos nos esquecer, igualmente, donde veio a alcunha de "Capital Econômica do Vale do Itajaí". Todavia, é bom atentarmos para um detalhe importante: terminaram as discórdias entre nacionais e descendentes de germânicos ou italianos?

---

## Roland Blumenau contribui para auxiliar as vítimas das enchentes de maio passado

O Prefeito Victor Fernando Sasse recebeu no dia 13 de julho de 1992 uma carta do Sr. Roland Blumenau, sobrinho bisneto do fundador de nossa cidade e residente em Düsseldorf, na Alemanha.

Diz a carta o seguinte:

«Prezado prof. Sasse!

Como prometi, remeto-lhe hoje um cheque no valor de 1.000,00DM, destinado às vítimas da enchente catastrófica de 28.05.1992.

Desejo-lhe tudo de bom e muita força no empenho de seu trabalho árduo pela Cidade de Blumenau e muito boa saúde.

ass. Roland Blumenau».

Sr. Roland Blumenau nos visitará por ocasião da OKTOBERFEST/92. É a 3ª vez que ele visitará a cidade fundada por seu antepassado. A primeira vez foi em 2 de setembro de 1974 (124º aniversário de Blumenau) especialmente para tomar parte nas cerimônias do traslado dos restos mortais do fundador de Blumenau, — sua esposa e filha Christina, e que foram conduzidos ao Mausoléu pelo sr. Roland Blumenau e membros do Lions Clube.

O sr. Roland Blumenau reside na cidade de Düsseldorf na Alemanha, sendo funcionário público da Prefeitura local.

A carta do sr. R. Blumenau foi traduzida e entregue junto com o cheque de doação ao senhor Prefeito por intermédio do sr. Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão do Gabinete do Prefeito,

# REGISTROS E CONJETURAS

Por Aiga Barreto Mueller Hering

Os princípios de preservação e zoneamento urbano — principalmente o estabelecimento de áreas históricas, verdes ou monumentos a tombar — são sempre questão delicada. Interferem no direito de propriedade, conturbam heranças e as prefeituras, empobrecidas, não têm como ressarcir munícipes dos ônus de medidas reguladoras que lhes venham a infligir.

Na Europa é diferente. As grandes cidades, secularmente castigadas por invasões e guerras, estão de há muito incorporadas por, pelo menos, duas áreas de sucessão distintas: a cidade VELHA e a cidade NOVA. Na primeira se encontra o casario antigo, cultivado, restaurado e reedificado em conformidade com suas linhas originais, enquanto que na segunda se fazem presentes posteriores e diversificadas opções de gosto e de estilo, representativas da evolução nas artes de construir.

Por lá, ao correr de quase dois milênios, confrontos e guerras trouxeram consigo repetidas baixas populacionais, além do extermínio total de vilas e povoados. O empobrecimento conduziu ao abandono e à emigração, clãs inteiras desapareceram por falta de herdeiros e tudo isto devolveu ao Estado a posse de numerosas propriedades, fazendo com que se preocupasse, seriamente, com modos e medidas de as ajuizar, preservar e redestinar. Por outro lado, e muito particularmente, a lei da primogenitura — que transferia a proprie-

dade rural, indivisa, ao filho mais velho — impediu seu desdobramento em lotes cada vez mais reduzidos e preservou a paisagem rural da barganha de múltiplos herdeiros e sanha de loteadores.

Aqui, não. Aqui tudo é diferente. Nossa comunidade é jovem e está, ainda, em vias de crescimento. Não fomos vitimados por surtos epidêmicos fatais, nem tivemos nossos contingentes jovens sacrificados em conflitos sangrentos. Assim — paralelamente às nossas queixas aos regimes político-governamentais constantemente à procura da própria estabilidade — as famílias, só por ironia, quanto mais pobres, tanto mais filhos têm... Aliás, penso que é nisto que reside a base de nossas dificuldades de planejamento rural e urbano: propriedades ancestrais são sub-partilhadas, casas rateadas, demolidas, vendidas... Uma vez por falta de recursos para sustentação do binômio filhos & propriedade, outra vez porque o lema dos jovens é crescer e inovar.

Some-se a isto fenômenos acelerados de sucessão cultural e redistribuição das elites. As lideranças políticas habituais nas décadas de 50 e 60, configuradas pelos nomes Hering, Busch, Deeke, Jensen, Buechler, Figueiredo, Zadrozny — e presentes nas vereanças recidivas de Bernardo Wolfgang Werner, Edgar Paulo Mueller, Eugênio Brueckheimer ou Wilson Santhiago, sen: esquecer os

deputados Pedro Zimmermann e Aldo Pereira de Andrade, os vereadores de oposição Afonso de Oliveira e Oswaldo Olinger, nem o trabalhismo emergente de um Ferreirinha — estão, quase todas, apagadas ou muito diluídas. Por sua vez os grupamentos têxteis e agro-pecuários tradicionais, estabelecidos sob os nomes Hering, Karsten, Garcia, Artex, Cremer, Kuehnrich, Jensen, Lorenz, Weege — não necessariamente nesta ordem e totalidade, mas apenas para citar exemplos — ou se reciclaram, descentralizaram e diversificaram funções em consequência de incentivos agro-pecuários e florestais, facilidades de exportação, incentivos de SUDAM e SUDENE, ou minguaram e desapareceram sob o impacto de divergências internas, a exemplo da Cia. Jensen (Frigor), de tão saudosa memória.

Mas foram os anos 60, ou digamos: os anos pós-Brasília, Jânio e Jango — já nas vigências incipientes do militarismo — que promoveram (ou apenas assistiram?) ao desenrolar de nossas maiores mudanças. A PROEB foi acelerada e construídos os primeiros pavilhões para abrigar FAMOSCs aglutinantes e saudosas. Um grupo de empresários modernos (Wilson de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Rosa) ideou e efetivou implantação de um canal de T. V. e Jornal em Off-set, genuinamente nossos. Outro grupo, já proverbial, de idealistas e inovadores, (dentre eles, Ingo Hering, B. Wolfgang Werner), concebeu estatutos de F.U.R.B. e possibilitou a implantação de nossas primeiras faculdades. Na Prefeitura, o prefeito Carlos Curt Zadrozny organizou Comissão Municipal de Turismo, da qual Roland Herbert Mueller Hering foi presidente

e membros profissionais diferenciados, atuantes na cidade — dentre eles o revisor do enxaimel, arquiteto Heini Herwig, e o futuro criador das OKTOBER, o agente de viagens Antônio Pedro Nunes — que se propôs encarar turismo a sério como fator de divisas, e se debruçou a esmiuçar estilo que melhor nos representasse, pelas raízes históricas, ao elaborar projetos pró-construção do Frohsinn, primeiro restaurante tipicamente alemão em todo sul brasileiro.

O comércio pujava e a indústria florescia. Remediados e figuras, todos nos procuravam. Enchentes... Ah, enchentes! sempre convivêramos com elas e, por amor ou estoicismo, não nos mudáramos, nem clamáramos, em tempo, por elevados, viadutos, túneis, represas. Assim o tempo se passou e — fluxo e refluxo das civilizações — de repente as coisas se modificaram.

Nosso enxaimel, que renasceria mais ou menos purista na construção do Frohsinn — e assim se mantivera nas casas Moellmann e de Manchete, entre outras — aos poucos virou enxaimel de fancaria e aplique de fachada. No turismo, sem que bem o percebêssemos, famílias inteiras de migrantes rurais e urbanos — além de ociosos e desempregados — invadiram a periferia dos bairros, subiram morros e se homiziaram até mesmo por debaixo de pontes. Nosso sistema rural se desvirtuou e — de pequena propriedade auto-suficiente e voltada à policultura, que era — sucumbiu às tentações exclusivistas dos subsidiamentos ao plantio do fumo. Finalmente, no silêncio dos becos, oficinas se fizeram metalurgias, mas principalmente operárias aposentadas começaram a costurar malha nas próprias casas,

tomaram costureiras, compraram retalhos, depois fardos, e — de novo, sem que bem se percebesse — a indústria informal ganhou fundos de quintal sem maiores controles.

Muitas, hoje, se regularizaram, constituindo as novéis Micro-empresas, de modo que contamos — em registros de ACIB, cadastros de Exatonia e Receita — com parcela significativa de nomes e fortunas novas, o que demonstra que a sucessão atingiu os mais variados setores da economia, mas também a especialização foi responsável por um leque maior de expectativas. E não gostaria de somar, aqui, o número de bancos, nacionais ou estrangeiros, operantes na cidade — aliás deixo a tarefa a quem melhor dela entenda... Mas não posso deixar de lado observação de que já tivemos, noutros tempos, banco exclusivamente nosso: a Caixa Agrícola local, posteriormente incorporada pelo Inco (Matriz em Itajaí), por sua vez absorvido pelo Bradesco, há não muitos anos atrás...

De qualquer forma, toda esta transição deixou marcas na estrutura visual da cidade, pois quem vive, mora — quem mora, constrói — quem constrói, opta. E há quem esteja — afinal, racionalmente — fazendo levantamento arquitetônico de nossa história.

Na F.U.R.B., Amabile Dorigatti (do Serviço Social) e Vilmar Vidor (da Engenharia) desenvolveram e desenvolvem, em equipe de alunos, trabalhos de conscientiza-

ção e fixação deste tipo de memória. E na Casa da Cultura — não menos! — Paulo de Zutter e Rosália Wal catalogam residências, fazem visitas e realizam desenho minucioso (em belos trabalhos em bico-de-pena) de nossas melhores fachadas.

O assunto não é fácil, nem pode ser apressado. Mas, dia mais, dia menos, terão que ser reavaliados os zoneamentos já estabelecidos e regulamentada, em detalhe, legislação que os sustente. Por isso mesmo seria interessante que os cidadãos mais antigos da cidade — os que aqui nasceram, se criaram ou estabeleceram famílias — comparecessem aos convites formulados pela F. U. R.B., ajudando a contar a história das casas que se foram, ou permanecem inalteradas, e a estabelecer, por consenso, o que merece e pode ser preservado.

O assunto é interessante, mas delicado. E há que estudar medidas compensatórias aos que já estão sendo prejudicados, no pleno uso de suas propriedades, pelo enquadramento anterior em área VERDE, HISTÓRICA, etc., como também perguntar pelo destino de nossas terras devolutas, que bem poderiam entrar em processo de compensações futuras.

Nós, aqui, estamos abertos a sugestões e memórias. Às vésperas de nosso sesquicentenário — pelo ano 2.000 —, qualquer contribuição se faz ainda mais preciosa!

# Aconteceu...

JUNHO DE 1992

— DIA 1º. —

— A cidade de Blumenau e outras da região do Vale do Itajaí ainda ressentem-se dos terríveis efeitos da grande enchente que assolou a região, causando enormes prejuízos. Mas os primeiros sinais de recuperação começam a ser observados na cidade e bairros de Blumenau, a baixa das águas e a preocupação da população de colocar a vida em ordem.

— DIA 2 —

— Os serviços sociais da Prefeitura de Blumenau iniciaram os trabalhos de distribuição de cestas com alimentos e roupas para os desabrigados da enchente do dia 30 de maio último. Mais de 200 famílias foram cadastradas para receberem os 37 mil quilos de produtos disponíveis na Secretaria de Ação Comunitária.

— DIA 4 —

— No quilômetro 113 da BR-470, em Ibirama, aconteceu a queda de uma carga de agrotóxico no rio Itajaí, em face do que foram suspensas as captações de água desde aquele local até Gaspar, para tratamento e distribuição à população. A medida foi recomendada pela Fundação do Meio Ambiente, que determinou a suspensão do abastecimento de água durante certo prazo, como medida de precaução.

— DIA 5 —

— No Museu de Arte de Joinville, o artista plástico blumenauense Guido Heuer abriu a exposição de seus metais gravados sobre laminados decorativos, uma proposta recente do artista que há vinte anos trabalha com esta técnica.

— Um violento vendaval atingiu o município catarinense de Concórdia, no oeste, nesta manhã, deixando o saldo de uma vítima fatal, mais de 300 casas danificadas, resultando em cerca de 1.500 pessoas desabrigadas. Os ventos derrubaram também torres de transmissão de energia elétrica, deixando o meio-oeste às escuras durante muitas horas.

— No Morro do Hadlich, bairro Garcia, o SAMAE inaugurou mais uma obra que veio beneficiar numerosas famílias. Trata-se do sistema de captação de água para distribuição naquela região, o que permitiu mais 200 ligações para abastecimento. A população prestigiou a solenidade da inauguração, aplaudindo a medida.

— DIA 6 —

— Um deslizamento de terras atingiu nesta manhã sete casas nas margens do rio Itajaí-Açu, na altura da rua São Bento causando o desabamento e levando sério perigo aos moradores. Uma das casas foi totalmente destruída e carregada pelas águas. Toda a área ameaçada com novos deslizamentos foi interditada ao tráfego de veículos.

— DIA 8 —

— Protestando contra a falta de providências do governo federal nas medidas contra as cheias no Vale do Itajaí, o prefeito Sasse, empresários, trabalhadores do comércio e estudantes, uniram-se numa concorrida passeata pelas ruas de Blumenau, portando cartazes e faixas. O movimento, que aconteceu das 9 às 10 horas da manhã, foi bem recebido pela população e aplaudiu a iniciativa cujo objetivo era pressionar o governo federal para chegar-se à conclusão das obras da barragem norte e conter o ímpeto das águas trazidas pelo Rio Hercílio, afluente do Itajaí-Açu.

— DIA 8 —

— No auditório do Teatro Carlos Gomes, apresentou-se um dos melhores corais infanto-juvenis da Europa, o "Windsbacher Knabenchor", que foi aplaudido por mais de mil pessoas presentes ao espetáculo. A vinda do coral em apreço foi promovida pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", através da Diretoria de Cultura e a renda de doze milhões de cruzeiros foi destinada ao Hospital Santo Antônio.

— DIA 9 —

— No Departamento de Cultura da Fundação "Casa Dr. Blumenau", salão de exposições, foi realizada a cerimônia do lançamento do Festival de Inverno, destinado a reunir quatro eventos de caráter cultural: o VI Festival Universitário de Teatro o III Festival de Música (erudita), o I Blu Jazz Festival e o Salão Catarinense de Artes Plásticas. A solenidade do lançamento contou com a presença de autoridades, dirigentes culturais e numerosos convidados.

— DIA 10 —

— No auditório do Departamento de Cultura da Fundação "Casa Dr. Blumenau", localizado na Casa da Cultura (antiga Prefeitura), foi realizada a solenidade de lançamento do jornal literário "Universo Verbo".

— DIA 11 —

— A Academia Mont'Alverne, do Colégio Santo Antônio, comemorou a passagem de seus 33 anos de fundação. Em regosijo, os alunos do segundo ano colegial realizaram uma tarde acadêmica com vários números literários. A Academia foi fundada em 1959 pelo frei Odorico Durieux, que ocupou sua direção até o ano passado.

— DIA 12 —

— No Pavilhão "A" da PROEB foi inaugurada, às 19 horas, a IV Feira da Amizade. A renda a ser obtida com a feira será destinada a 40 entidades assistenciais. O acontecimento foi abrilhantado pela Banda Musical do 23º. B. I. ocasião em que também foi servida uma canja de galinha preparada pelo clube das Soroptimistas de Blumenau.

— DIA 19 —

— No Teatro Carlos Gomes, às 21 horas, realizou-se o show

do humorista Pedro Bismarck, mais conhecido por "Nerso da Capitinga".

— No Viena Park Hotel, aconteceu o coquetel de abertura de ESPAÇO REVISTADO, com a Exposição de Aquarelas de Erica Araujo e noite de autógrafos de Péricles Prade, com sua Obra Crônica do Julgamento de Galileu. A noite foi muito concorrida e contou com o apoio do Espaço de Arte Açu-Açu.

— DIA 21 —

— Na rua Videira, 299, bairro Vila Nova, foi realizada festivamente a solenidade de inauguração da sede própria do Circulo de Orquidófilos de Blumenau, uma sociedade que muito tem feito pela projeção cultural de Blumenau no âmbito da cultura de orquídea e outras plantas ornamentais.

— DIA 24 —

— Em expressiva e concorrida solenidade realizada no Teatro Álvaro de Carvalho, em Florianópolis, a escritora blumenauense Urda Alice Klueger tomou posse da cadeira nr. 2 da Academia Catarinense de Letras. Na ocasião, fizeram uso da palavra o acadêmico Napoleão Xavier de Amarante e a nova "imortal", que, bastante emocionada, pronunciou vibrante oração.

— DIA 26 —

— Na Galeria Municipal de Arte, realizou-se concorrido coquetel de lançamento do livro "Blumenália Poética", obra que traz poemas de 22 autores blumenauenses. O livro é uma coletânea de poesias, promovida pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" e que contou com o apoio do BESC.

— DIA 28 —

— Como parte da série de concertos "Eventos Culturais Itaú", patrocinados pelo Banco Itaú, realizou-se mais um espetáculo musical, às 10,30 da manhã, no Teatro Carlos Gomes. O destaque foram os solistas Koiti Watanabe e Maria Ester Brandão, nos violinos, e Neide Coelho ao piano. O concerto realizou-se em homenagem a Fritz Kreisler, considerado um "virtuoso" de fama mundial e que morreu em 1962, com 87 anos de idade.

---

## Faleceu o historiador Prof. José E. Finardi

Depois de longo tempo lutando contra pertinaz enfermidade, faleceu o Prof. José E. Finardi, historiador, jornalista, poeta e escritor, sumamente conhecido e admirado em todo o nosso Estado. Foi um dos mais ativos colaboradores desta revista por longos anos, deixando um dos mais importantes acervos de memórias históricas em suas páginas.

No ano de 1986, seu filho Clóvis Caetano Finardi, quando cursava

a Universidade Federal do Paraná, escreveu o necrológico de seu pai. Talvez tenha sido até a pedido deste. E José Finardi nos entregou o texto, pedindo-nos que o inserisse nas páginas de «Blumenau em Cadernos» quando ele falecesse. Passaram-se todos estes anos e, agora, Finardi faleceu. O seu pedido será, pois, atendido. Passaremos a registrar o texto escrito por Clóvis e que tem o seguinte teor: —

«Nota de falecimento»

JOSÉ E. FINARDI

Há pessoas que enfeitam o mundo. Pessoas encantadoras. Irradiam bondade. Semeiam alegria. Quando partem deixam saudades.

Como o personagem de CLAUDEL: «Senhor, vós me haviéis dado o dom de que quem de mim se aproximasse sentisse vontade de cantar, como se eu, baixinho, lhe houvesse dado o tom».

Assim foi o Prof. JOSÉ E. FINARDI cujo falecimento ocorreu a 22/07/92.

Filho de pioneiros italianos que se radicaram nos primórdios da colonização italiana de Ascurra, elaborou magnífica monografia, já na 2ª. edição esgotada, nela eternizando a memória dos seus primeiros moradores e na qual extravasa todo o seu acendrado amor à terra que lhe serviu de berço, merecendo o trabalho, esplêndida crítica do Mestre Osvaldo Rodrigues Cabral e do Prof. Celestino Sachet e de outros luminares da historiografia pátria.

Foi professor, novelista, cronista, e, por longos anos, atuante jornalista, em que se aposentou.

Foi também poeta, editando «Angústia Infinita» — reunindo seus melhores poemas, merecendo o volume, do mais feroz crítico literário do país, Agripino Grieco a referência sobremodo honrosa: «Livro repleto de ternura, leia-o com amor».

Como historiador, colaborou em «Blumenau em Cadernos» onde inseriu, de forma primorosa, inéditos episódios da história de Blumenau, notadamente sobre seus dois «numes tutelares», o fundador Dr. Blumenau e o 1º. Vigário P. José Maria Jacobs.

Falece aos 79 anos de idade, deixando viúva e dois filhos, um deles médico em Rio do Sul e outro acadêmico na Universidade Federal do Paraná, além das netas Luciana e Juliana Finardi.

Seu sepultamento ocorreu no dia seguinte, no jazigo da Família Finardi, em Ascurra, onde fôra o 1º. aluno matriculado no Colégio Salesiano de Ascurra, no longínquo ano de 1925.

Aos familiares do sempre lembrado colaborador, enviamos nossos mais sinceros pêsames».

---

N. da R. — O jovem Clóvis Caetano Finardi, autor deste texto, faleceu a cerca de quatro anos, fato que causou profundo sentimento a seu pai e que talvez tenha até sido fator de agravamento de seu estado de saúde que o levou, afinal, à morte.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —  
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck  
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank  
Graf — Hans Martin Meyer

### DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

# HERING

## T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade. Para todo mundo.  
Em todos os tempos.